

TÁBUA DAS MARÉS

Raphael Morone

Raphael Morone (1987) é nascido e criado em Santos - SP; vive em trânsito entre Belo Horizonte - MG e a cidade natal desde 2015. Iniciou a carreira em 2008, tendo como principais ferramentas nesse trajeto o desenho, a pintura e a escrita. Suas criações são desdobramentos do contexto migrante na paisagem dos lugares em que está. Busca, em meio a esse processo, observar a passagem do tempo e suas inscrições na vida. Pode ser encontrado em linktr.ee/raphaelmorone



Poéticas



PRAIA DO CIBRATEL
ITANHAÉM, BRASIL.



SERRA DO MAR
SANTOS, BRASIL

Belle Isle

★ Line ★

Importação direta de
pesquisas submarinas
ao **litoral centro-sul**
Linhos com escalas regulares
Navegação de passagens
para o **exterior**
Ultramar



Embarcando neste vapor
obtem-se a mais rapida paisagem
de Santos a Paris
desfaz o tempo
na esquina do Equador

Pewter & Java

PACIFIC SOUNDS LINE

Serviço regular e mensal
da África Ocidental
para o Brasil e Rio da Prata
e portos platinos e brasileiros
para Los Angeles, San Francisco,
Portland, Seattle
Tacoma e Vancouver
via Canal do Panamá
Emitimos conhecimentos
através de uma vitrola-barca
para
Filipinas, Indonesia, União Malaia
Singapura, Burma, Índia, Paquistão,
e demais portos
do Oriente e Austrália



LIBER NUÑEZ

Lembro das vezes que Horácio ia à Banda Oriental. Ficava três, quatro semanas e depois voltava, sempre com algum objeto diferente na mala. Na primeira vez, trouxe um velho pente comprido bege que parecia feito de um material como plástico, só que mais duro e sem flexibilidade. Disse que conseguira em uma pequena loja numa galeria da 18 de Julho que vendia broches militares, cigarrilhas, miniaturas de carros e cartazes antigos. O dono, um homem pálido, calvo e com bigode destacado, era de fala saturnina e falou apenas que custava 128 pesos.

Nas vezes seguintes, trouxe carretéis de cobre, um bico de pena Parker, um álbum de fotos da família Arruabarrena e, nessa última, ontem, uma figurinha de um álbum do futebol local. Embaixo da foto havia o nome de Liber Nuñez e seu clube, escrito ao lado, se chamava Mar de Fondo. Não parecia um time bom, esse nome remetia a tudo menos futebol. Horácio contou que havia comprado a figurinha na feira de pulgas de Tristán Narvaja, no centro da capital, em uma barraca que vendia troféus antigos, flâmulas e caixas de bala e chiclete. Ficava ao lado da barraca de aves de um lado e da barraca de discos e cassetes do outro e, em frente, a de quadros pintados “ao vivo” pelo vendedor.

Perguntei o porquê da compra e apenas me disse que Liber Nuñez era conhecido como “El Pollo”, motivo pelo qual acarretou sua morte. Pollo Nuñez era dono de uma avícola herdada do pai em La Teja. E de

que morreu?, perguntei, instigado pela história contada pela metade. Uma das coisas mais frustrantes nesse mundo são histórias sem desfecho, ainda mais quando o desfecho é a morte de alguém. Existe algo de reptiliano em nós humanos em querer descobrir a causa da morte. Talvez um instinto de sobrevivência, a vontade de saber para evitar caminho igual, não sei.

O fato é que Horácio nunca fora um grande contador de histórias, o que me revoltava. Um homem de 55 anos, vivido, viajado, era com certeza um arcabouço de casos interessantes e meias verdades de um típico “homem do mundo”. Mas não, Horácio, em todas as histórias, deixava algo a contar e, em relação a Pollo, a tradição se mantinha.

Tentei inquirir, pegá-lo desprevenido com a linha cronológica e histórica dos fatos, como descobrir se La Teja realmente era um bairro e se existia a tal feira de pulgas, mas tudo batia. As questões eram: ou Horácio omitia ou realmente essas histórias eram assim, banais, como ir comprar pão na padaria, pagar, pegar o troco e pedir metade desse troco em balas de canela.

Decidido a desmascará-lo (ou tomar um tombo nas minhas convicções), marquei com ele no fim da tarde, na padaria que costumávamos nos encontrar. Queria ouvir a história toda. Ou o que fosse possível.

Cheguei e ele já estava lá, tomando café com leite em copo de vidro. Acenei com simpatia no olhar, mas sério — apenas respondeu-me

com um “e aí”, meio desanimado. Tomei a iniciativa e logo perguntei de Pollo. Depois perguntei do pente, dos carretéis de cobre, do bico de pena, do álbum da família de bascos, da figurinha — como uma sequência de socos de um boxeador no afã de nocautear o adversário.

Horácio franziu o rosto, e em algum espaço de segundos, desatou a falar sobre Liber Nuñez.

“Ele foi goleiro, antes da avícola. Jogou no Mar de Fondo durante sete temporadas, mas nunca chegou a ser titular absoluto. Dizem que tinha mãos pequenas pra um arqueiro. Mas era querido. Chamavam ele de Pollo desde os doze anos, quando caiu num galinheiro em Santa Catalina tentando pegar uma bola que chutaram longe demais. A bola se perdeu, mas ele saiu de lá com um ovo rachado no ombro e três pintinhos grudados na camiseta.”

Sorriu, pela primeira vez naquela tarde.

“Quando o pai morreu, ele largou o futebol. Tocou a avícola com afinco, vendia frango congelado e ovos em toda a zona oeste, . Mas num verão muito quente, daqueles com moscas até dentro do pensamento, alguém encontrou algo estranho numa das entregas. Dizem que foi sabotagem, vingança, ou erro mesmo. Fato é que ele perdeu clientes, prestígio e a vontade. Uns meses depois, disseram que caiu no Pantanoso, um homem contou que viu alguém escorregar na beira da margem, no fim da tarde, pouco antes da virada da maré. Mas o corpo nunca apareceu. Uns juram que foi embora pra Colônia, outros pra Rivera, ou que virou pescador no Chuy.”

Fiquei calado. Horácio terminou o café, raspou o fundo do copo com a colher. Então disse:

“Comprei a figurinha porque me lembrava de alguém. Não do Pollo, exatamente. Mas de um primo dele, ou um amigo. Nunca sei. Quando vi o rosto, achei que fosse alguém que tinha esquecido.”

“E era?”, perguntei.

Ele pensou um instante.

“Era. Mas agora já esqueci de novo.”

Pagou a conta e saiu sem pressa, como sempre, como quem está voltando de algum lugar onde nunca chegou por completo.

Fiquei ali, com o gosto do café morno e a sensação de que, mais uma vez, ele tinha contado quase tudo.